

ESTUDO ETNOBOTÂNICO EM TRÊS COMUNIDADES MBYA/GUARANI NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL¹

Diogo de Souza Lindenmaier²

Jair Putzke³

RESUMO

Nas últimas décadas o conhecimento tradicional sobre a utilização dos recursos naturais tem sido estudado e valorizado. Este estudo etnobotânico focalizou a utilização e a origem fitogeográfica das plantas utilizadas em três comunidades indígenas Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul/Brasil. Foram realizadas saídas à campo e entrevistas semi-estruturadas com os indígenas mais idosos das comunidades, onde foram identificadas 61 espécies vegetais distribuídas em 35 famílias botânicas com algum tipo de uso. A maioria das espécies identificadas são utilizadas na medicina e são de ocorrência natural na região do estudo, entretanto, algumas espécies exóticas são essenciais à sobrevivência das comunidades.

Palavras-chave: Mbya/Guarani, etnobotânica, plantas indígenas.

ETHNOBOTANICAL STUDY IN THREE COMMUNITIES MBYA/GUARANI IN THE CENTRAL REGION OF RIO GRANDE DO SUL/BRAZIL

ABSTRACT

In recent decades the traditional knowledge about the use of natural resources has been studied and developed. This ethnobotanical study focused the use and phytogeographical origin of plants in three Indian communities Mbya/Guarani in the central region of Rio Grande do Sul, Brazil. Field trips and interviews were conducted with older people of the communities, where they identified 61 plant species distributed in 35 families with some type of use. Most species are used in medicine and natural occurrence in the study region however, some exotic species are essential to the survival of communities.

Keywords: Mbya/Guarani. Ethnobotany. Indigenous plants.

¹ Monografia - Programa de Pós-graduação em Biologia Animal e Vegetal, Universidade de Santa Cruz do Sul, Av. Independência 2293, 96815-900 Santa Cruz do Sul, RS, Brazil

² Mestrando PPG-Geografia. Universidade Federal de Santa Maria (bagualsilvestris@ibest.com.br)

³ Departamento de Biologia e Farmácia, Universidade de Santa Cruz do Sul, Av. Independência 2293, 96815-900 Santa Cruz do Sul, RS, Brazil

INTRODUÇÃO

As plantas são utilizadas pelo homem desde tempos imemoráveis que remontam o surgimento da própria consciência humana (Schultes e Reis, 1995). Empiricamente ao longo dos tempos nas mais diferentes etnias do globo, o conhecimento sobre a utilização das plantas foi sendo estruturado e passado de geração em geração pela prática oral, de acordo com as necessidades. Eventualmente muito desse conhecimento pode ter se perdido (Milliken *et al.*, 1992).

De acordo com Borges e Peixoto (2009), “comunidades tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais, desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e a manutenção da diversidade biológica”.

Diegues & Arruda (2001) destacam a importância da contribuição que os estudos em etnobotânica trouxeram e como eles procuram descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, as taxonomias e classificações totalizadoras. Para esses autores, o conhecimento tradicional pode ser definido como "o conhecimento e saber-fazer sobre o mundo natural e sobrenatural, que são transmitidos oralmente de geração em geração”.

O território brasileiro possui a maior diversidade biológica e cultural do planeta. Tem mais de 500 áreas indígenas reconhecidas pelo Estado, e vários grupos de populações rurais não-indígenas de todo o litoral e o interior (Diegues & Arruda, 2001). Os índios Guaranis vivem predominantemente nas regiões subtropicais do sul da América do Sul (Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina, Bolívia, sul, sudeste e Centro-Oeste do Brasil). Os Mbya, sub-grupo Guarani, estão localizados principalmente nos estados do litoral e interior, no sul, sudeste e centroeste do Brasil (Litaiff & Darella, 2000). Um aspecto que caracteriza os Mbya dentro da cultura Guarani é a sua estreita relação com a natureza, especialmente com as plantas. Eles as utilizam para diversos fins: alimentação, medicina, construção, caça, pesca, artesanato, etc. Também as migrações e a mobilidade são características marcante dos Mbya, que apresentam essa tradicional dinâmica de ocupação territorial. (Ladeira, 1992)

Segundo Noelli (s/d), desde o século XVI, jesuítas, cronistas, viajantes, naturalistas, leigos e vários pesquisadores observam a cultura, levantam dados, identificam conhecimentos e processos de mudança, inscrevem as nomeações/palavras transmitidas pela educação, percebem atividades e comportamentos. Martínez-Crovetto (1968) ao estudar os Mbya depurou que de 639 plantas conhecidas, 590 tinham nome e 438 eram utilizadas, na maior parte para fins medicinais, seguidas de espécies com finalidades alimentares. O autor chama a atenção para o volumoso e aprofundado conhecimento botânico e fitoterápico Mbya/Guarani, exemplificando que numa amostragem de 800 plantas, foram demonstradas 151 espécies medicinais para 78 finalidades terapêuticas. De acordo com Litaiff & Darella (2000), Moisés Bertoni, Júlio Storni e Carlos Gatti produziram um vocabulário das plantas Guaranis; León Cadogan, Raul Martínez-Crovetto e Wilson Garcia implementaram a etnobotânica quantitativa e inventário cognitivo geral das plantas úteis para os Guaranis, e Bartolomeu Melià, Grünberg & Grünberg e José Perasso ofereceram contribuições significativas para

expandir a lista de plantas, que ainda não é definitiva, nem está completa, e que ainda pode perder-se devido às pressões socio-ambientais operantes sobre estes grupos. Apesar da vasta bibliografia sobre a cultura Guarani, Schaden (1974) alerta para a urgência de se retomar os estudos desta cultura com referência à suas variantes regionais.

É provável que muito do conhecimento tradicional atual sobre o uso das plantas seja oriundo da cultura indígena. Também é possível que a aculturação desses povos possa ter acrescentado novos elementos vegetais de outras regiões do Brasil e do mundo dentro de seu conhecimento tradicional.

O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento tradicional em botânica dos Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul/Brasil, reunindo informações sobre aspectos culturais relacionados à natureza, valorizando o conhecimento milenar destes povos.

MATERIAL E MÉTODOS

Locais do estudo

Irapuá - De acordo com dados obtidos no site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (<http://www.funai.gov.br/>. Acesso em 18 agosto, 2008), em 1769 o governo provincial criou a aldeia de São Nicolau, no chamado Passo do Fandango, no rio Jacuí. Em 1780 a cidade tinha 383 índios missioneiros. Em 1814, o censo da província relatou 425 índios, que depois dispersaram. Em 1974, 290 famílias Mbya/Guarani se estabeleceram ao longo da rodovia BR 290. Em 1993, a FUNAI, pelo Decreto n.º 1.136 de 12/11, designou um grupo de trabalho que identificou a presença de povos indígenas e propôs delimitação de 12 ha com um perímetro de 01 km na margem da estrada (Fig 1).

Atualmente a comunidade Mbya está estabelecida na mesma área, que é uma reserva não demarcada. No passado, a comunidade estava localizada junto ao rio Irapuá, na fronteira dos municípios de Cachoeira do Sul e Caçapava Sul, região central do Rio Grande do Sul. Hoje a comunidade está um pouco mais retirado do rio, no município de Caçapava do Sul, nas coordenadas S "30° 14 '28' 35" e W 53° 01 "'50 01.

De acordo com o indígena Silvino da Silva, líder da comunidade, a ocupação daquele espaço ocorre a pelo menos 55 anos. Na período desde estudo, a comunidade apresentava 52 indivíduos, destes, 33 crianças, divididas em oito famílias nucleares.

O clima da região é do tipo Cfa, segundo classificação de Köppen, ou seja, subtropical úmido, sem estação seca, com temperatura média anual de 19,2°C. O mês mais quente aresenta média de 24°C e a média do mês mais frio em torno de 13°C, com precipitação de 1594 mm/ano (IPAGRO, 1982). A variação significativa da temperatura provoca uma amplitude térmica durante o ano, com picos acima de 40°C e mínimas de até -4°C. Os solos pertencem à unidade de mapeamento do Rio Pardo, sendo classificados como Argissolo (Streck *et al.*, 2002).

A área de estudo está localizada em uma região que pode ser considerada área de tensão ecológica. Localizado entre as regiões fisiográficas da Depressão Central e Serra do Sudeste, abrangendo as formações de pastagem natural, mata ciliar, e por se tratar de uma área marginal a rodovia, apresenta vegetação pioneira e plantas invasoras (Teixeira *et al.*, 1986).

Itaúba - O distrito de Itaúba está localizado no município de Estrela Velha, a cerca de 35 km do centro da cidade. As terras indígenas (S 29° 18'245 W 53° 12'963) na região

de Itaúba (Fig. 1) ainda aguardam aprovação e demarcação da Funai. A população é de 38 pessoas, distribuídas em 5 famílias nucleares.

A ocupação da área é recente, cerca de 6 anos. Com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaúba no rio Jacuí, algumas áreas foram desapropriadas pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), sendo algumas, como é o caso de Itaúba e Salto Grande, utilizadas para o assentamento de comunidades indígenas na tentativa do Estado resolver as reivindicações territoriais com esses grupos.

O clima da região é do tipo Cfa, segundo a classificação de Köppen, subtropical úmido, sem estação seca. A temperatura média anual é de 19,2°C, tendo o mês mais quente média de 24°C e o mais frio em torno de 13°C, com precipitação de 1594 mm/ano (IPAGRO, 1982).

A topografia apresenta relevo fortemente ondulado, e os rios correm no fundo de vales profundos. A vegetação predominante na área é classificada como Floresta Estacional Decídua, que hoje reduzida encontra-se restrita as áreas marginais íngremes do rio Jacuí e Jacuizinho. O território está em processo de demarcação pela FUNAI.

Tekoa Salto Grande do Jacuí - De acordo com o registro no site da FUNAI (<http://www.funai.gov.br/>, acesso em 18 agosto de 2008), no século XVIII, os guaranis exploravam a floresta na região ao longo do rio Jacuí até a Serra do Botucaraí. No final do século XIX, a área ao longo do rio Jacuí foi ocupado por grupos Nhandeva/Grarani oriundos da região do rio Iguazu, que lá se mantiveram até 1955, quando começou a construção da barragem Maia Filho.

Na década de 1970, os Mbya passam a frequentar na área de preservação da Companhia Estadual de Energia Elétrica, na margem esquerda do rio Jacuí e, em 1991, vindo a ocupar de forma permanente. A FUNAI forma de trabalho do grupo, pelo Decreto n° 1136, de 12/11/93, que identifica e define a área em 238 ha. Pelo Decreto n° 105, de 13/02/96, do Ministério da Justiça declarou a área de posse permanente indígena. Reserva Salto Grande do Rio Jacuí no município de Salto do Jacuí (S 29° 03'394 W 53° 13'664), é uma reserva indígena demarcada (Fig 1). Tem 234 hectares e originou-se, como vimos anteriormente, a partir de desapropriações realizadas para a construção da barragem de Salto do Jacuí. Antes da ocupação da área pelos indígenas, foram realizadas plantações de espécies florestais exóticas (*Pinus* sp. *Eucalipus* sp.) como medida compensatória à construção da barragem.

O clima da região é do tipo Cfa, segundo classificação de Köppen, ou seja, subtropical úmido, sem estação seca, com temperatura média anual de 19,2°C. O mês mais quente tem média de 24°C e a média do mês mais frio em torno de 13°C, com precipitação de 1594 mm / ano (IPAGRO, 1982). A vegetação na região é de Floresta Estacional Decídua com influência ripária, neste caso, devido à proximidade do rio Jacuí, onde o fragmento florestal ainda está relativamente preservado.

Coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu entre os meses de janeiro de 2008 a julho de 2009. Houve uma primeira visita à comunidade de Irapuá na intenção de estabelecer contato com os indígenas, conhecer as lideranças e obter a autorização formal para o estudo. No total, foram efetuadas quatro visitas a comunidade do Irapuá, cada um com duração de um dia. Na aldeia de Itaúba foram três dias de visita, e Salto Grande do Jacuí foram quatro dias.

As informações foram obtidas através do método etnográfico e realizadas através de entrevistas semi-estruturadas e saída a campo. Utilizou-se a técnica "caminhando na floresta" (Alexiades, 1996), juntamente com o Karáí (líder espiritual e responsável pelas curas) e com o professor guarani. Foram coletadas amostras botânicas e informações sobre os diferentes usos das plantas, nome da espécie em guarani, aplicação e parte da planta utilizada.

Para classificação da origem fitogeográfica das espécies, consideramos as seguintes definições: plantas nativas aquelas originárias de formações vegetais ocorrentes no Brasil, cujo ecossistemas estão representados na região sul. As espécies que ocorrem em outros ecossistemas diferentes dos que aparecem em território brasileiro, foram consideradas exóticas.

As espécies conhecidas foram identificadas *in loco*, e espécies desconhecidas foram coletados e identificados através de consulta à literatura e/ou consulta a especialistas. As espécies foram agrupadas nas famílias reconhecidas pelo APG III (2009). A grafia dos binômios científicos foi atualizada através de bibliografia taxonômica recente e/ou através do banco de dados Tropicos, versão on-line, acessível pelo site <http://www.tropicos.org>. A grafia das espécies em Guarani foi fornecida pelos professores de língua Guarani. Exemplares das espécies citadas no estudo encontram-se depositadas no herbário HCB da UNISC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estudo foram citadas 61 espécies pertencentes a 35 famílias botânicas, com algum tipo de uso pelos indígenas Mbya nas três comunidades estudadas na pesquisa. Os nomes científico, popular e indígena, bem como a indicação do uso e parte da planta utilizada são apresentadas na Tabela 1. As famílias com maior número de espécies com algum tipo de aplicação foram Myrtaceae, Fabaceae e Poaceae com 5 espécies, seguido por Rutaceae, com 4 espécies, e Meliaceae e Euphorbiaceae, com 3 espécies cada.

Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) também encontraram o maior número de citações pertencentes à família Myrtaceae. Diferentes estudos fitossociológicos tem demonstrado a alta diversidade de espécies pertencentes às famílias Fabaceae, Myrtaceae, Asteraceae e Poaceae entre outras famílias dos subtrópicos. Tal diversidade parece proporcional quando se avalia a riqueza de espécies utilizadas em comunidades tradicionais, como tem demonstrado recentes estudos etnobotânicos, onde as espécies destas famílias, sejam nativas ou introduzidas, são amplamente utilizadas, principalmente como terapêuticos e na alimentação. (Bennett & Prance, 2000; Jarenkow & Waechter, 2001; Lindenmaier & Budke, 2006; Bueno *et al.*, 2005; Borges e Peixoto, 2009)

Na comunidade indígena de Salto Grande do Jacuí foram citadas 38 espécies de plantas com algum tipo de aplicação, em Itaúba foram citadas 31 espécies e 17 espécies no Irapuá. Esse resultado está diretamente relacionado com a riqueza ambiental onde estão localizadas as comunidades. A Reserva de Salto Grande apresenta uma maior área florestal relativamente preservada. A reserva de Itaúba, com área de mata menor, apresentou valores intermediários de riqueza; na comunidade do Irapuá, uma área marginal à rodovia, a riqueza e a diversidade de usos das espécies foi consideravelmente menor.

Crovetto (1968) citou 438 plantas utilizadas pelos Mbya do noroeste argentino em 1968, sendo a maioria para fins medicinais. Litaiff & Darella (2000), em levantamento preliminar identificaram 37 espécies de utilização direta pelos Mbya do Morro dos Cavalos, e o presente estudo (2009), somando as três comunidades pesquisadas, identificou 61 espécies úteis. A variação entre os números citados anteriormente pode significar um decréscimo na utilização das plantas pelos Mbya, bem como, uma variação regional. O espaço de tempo, a fragmentação do ambiente natural e a pressão territorial exercida sobre estes grupos étnicos parecem ser determinantes para a variação dos resultados.

A maioria das espécies vegetais citadas pelos Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul (52,5% ou 31 sp.) são usadas para fins medicinais; 24,6% das espécies são utilizadas para a alimentação; 18% das espécies são empregadas no artesanato e 8% foram citadas com funções místico/religiosas. As demais espécies apresentaram aplicações diversas, tais como fabricação de cabos para ferramentas, pesca, repelentes naturais, lenha, entre outros (Tabela 1). No Brasil central Bueno *et al.* (2005) encontraram 34 espécies vegetais utilizadas como medicinais em uma comunidade Guarani/Kaiowá na reserva Caarapó no Mato Grosso do Sul. Morais *et al.* (2005) constataram a utilização de 63 espécies de plantas como medicinais entre os índios Tapebas no Ceará.

Seja para uso medicinal, alimentação ou produção de artesanato, algumas espécies vegetais são de vital importância para a sobrevivência das comunidades estudadas, resultado semelhante ao encontrado por Litaiff & Darella (2000) com os Mbya/Guarani na Serra do Tabuleiro em Santa Catarina. No noroeste Argentino, Crovetto (1968), também encontrou proporções similares, com maior destaque para espécies medicinais, entretanto, plantas destinadas à produção de cestaria ou artesanato foram pouco citadas.

Nas três comunidades estudadas grande parte dos recursos financeiros são oriundos do comércio de artesanato. Diversas espécies ainda são cultivadas para alimentação, principalmente na Reserva de Salto Grande, onde há espaço para plantio. Além de fornecer grande parte da alimentação, o cultivo orienta a organização social dos Mbya. Do total de espécies mencionadas nas três áreas indígenas estudadas, 15 tinham mais de uma aplicação, sendo, portanto, consideradas espécies importantes (Tabela 1).

Durante as entrevistas para o estudo, as categorias “plantas medicinais” e “plantas místico/religiosas” mostraram-se de difícil caracterização, uma vez que o tratamento das doenças através das plantas, realizado tanto de modo curativo como preventivo pelo Karaí, envolve rituais próprios da cultura Mbya/Guarani.

Analisando as partes das plantas que são usadas, encontramos valores de 39,3% para o caule; 34,4% para folhas; 11,5% para raízes e frutos e 5,5% para as sementes. Algumas espécies de utilização medicinal, especialmente as de hábito herbáceo, são usadas toda parte vegetativa, e também raízes.

Mais de 83% das espécies vegetais (51 sp.) são originárias de ecossistemas locais, e por isso foram consideradas nativas; no outro extremo, 16,4% (10 sp.) são oriundas de outras partes do mundo, trazidas para a América do Sul pelos colonizadores europeus, ou mais recentemente introduzidas para cultivo. Na comunidade do Irapuá, onde o comércio de artesanato é a principal fonte de renda, destaca-se o uso de espécies exóticas como *Bambusa* sp. na produção de cestos, que é o principal item comercializado no aldeamento. Em Itaúba registramos a importância das sementes da

gramínea *Coix lacrima-job* na confecção de colares. Silva e Andrade (1994) também demonstraram através do Índice de Significado Cultural (ISC) a grande importância de espécies exóticas em uma comunidade indígena Xucuru, no Estado do Pernambuco. Nessa comunidade observou-se uma elevada valorização de espécies vegetais procedentes da Europa e África.

Do total de espécies identificadas neste estudo, 15 são cultivadas pelos indígenas em pequenas roças ou próximo às habitações, não apresentando crescimento espontâneo. Destas, 7 são exóticas originárias de outros continentes.

É notável a capacidade de adaptação e resiliência cultural dos Mbya, mesmo diante de pressões como fragmentação ambiental, perda territorial e escassez de recursos de uso tradicional. Os Mbya conseguem adaptar-se utilizando materiais novos e espécies novas, ressignificando-as à sua cultura, e não o contrário. São hoje no Brasil um dos grupos étnicos que demonstram maior resistência à homogeneização cultural, preservando com muito custo seu conhecimento tradicional.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos aos amigos e colegas Dagoberto Moura, Douglas Lindenmaier, Homero Lindenmaier, Anderson Borba (Chambão), Elena Cristina Machado (Neca), Marisa Putzke, Eduardo Lobo, Andréas Köhler, Claudio Gastal, Carmem Lúcia de Lima Helfer, Rafael Sühs, Jean Carlos Budke, Natalia Oliveira, Pierre Gautreau, Elissandra Prates Matje, Camila Dellanese, Eduardo Giehl, Rodney Schmidt, Ana Paula Caletti, Jorge Waechter, Marcos Sobral, João André Jarenkow e ao Departamento de Botânica da UFRGS. Um agradecimento especial aos indígenas Luiz Karai, Alex Acosta, Diego Duarte, Silvino Silva, João Paulo, Catarina Acosta e aos professores de língua Guarani Anisio Duarte e Eduardo Acosta.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P. & LUCENA, R.F.P. (orgs.) 2004. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife, NUPEEA.

ALEXIADES, M. 1996. Collecting Ethnobotanical Data: An introduction to basic concepts and techniques. Pp. 53-94. In: *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A field manual*. The New York Botanical Garden.

APG III (Angiosperm Phylogenetic Group). 2009. An update of the Angiosperm Phylogenetic Group classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105-121.

BENNETT, B.C. & PRANCE, G.T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. *Economic Botany* 54(1): 90-102.

BORGES, R. e PEIXOTO, A.L. 2009. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*. 23(3): 769-779.

BUENO, N.R; CASTILHO, R.O; COSTA, R.B; POTT, A; POTT, V.J; SCHEIDT, G.N. and BATISTA, M.S. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. *Acta Botanica Brasilica*. 19(1): 39-44. 2005.

DIEGUES, A.C.S. & ARRUDA, R.S.V. 2001. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo, USP. (Biodiversidade 4). 176p.

FONSECA-KRUEL, V.S. & PEIXOTO, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 18: 177-190.

IPAGRO. *Atlas agroclimático do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Pallotti. 1992.

JARENKOW, J.A. & WAECHTER, J.L. 2001. Composição, estrutura e relações florísticas do componente arbóreo de uma floresta estacional no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 24(3): 263-272.

LADEIRA, M. I. M. *O Caminhar Sob a Luz. O território Mbya e a beira do oceano*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em História).PUC, 1992. 199p.

LINDENMAIER, D.S & BUDKE, J.C. 2006. Florística, diversidade e distribuição espacial das espécies arbóreas em uma floresta estacional na bacia do rio Jacuí, sul do Brasil. *PESQUISAS Série BOTÂNICA* N° 57: 193-216.

LITAIFF, A. & DARELLA, M.D.P. *Os índios Guarani/Mbya e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro*. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: "Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação". Brasília, 2000.

MARTINEZ-CROVETTO, R. 1968. Introducion a la etnobotanica aborigen del nordeste argentino. *Etnobiologia*, n° 11.

MILLIKEN, W.; MILLER, R. P.; POLLARD, S. R.; WANDELLI, E. V. *Ethnobotany of the Waimiri Atroari indians*. Royal Botanic Gardens Kew, Londres, 146 p. 1992.

BUENO, N.R; CASTILHO, R.O; COSTA, R.B; POTT, A; POTT, V.J; SCHEIDT, G.N. and BATISTA, M.S. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. *Acta Botanica Brasilica*. 19(1): 39-44. 2005.

NOELLI, F. S. *Sem tekoha não há tekó. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí-RS*. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em História). PUC, 1993.

SCHADEN, E. 1974. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: EPU, EDUSP. 208 p.

SCHULTES, R.E. & REIS, S.V. (eds.). 1995. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Cambridge, Timber Press.

STRECK, E. V.; KÄMPF, N.; DALMOLIN R.S.D.; KLAMT E.; NASCIMENTO P.C. & SCHNEIDER P. *Solos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EMATER/RS-UFRGS, 2002.

SILVA, V.A. & ANDRADE, L.H.C. O significado cultural das espécies botânicas entre indígenas de Pernambuco: o caso Xucuru. *Biotemas*, 17 (1): 79 – 94, 2004.

TEIXEIRA, M. B.; COURA Neto, A. B.; PASTORE, U. & RANGEL FILHO, A. L. R. Vegetação In: Levantamento de recursos naturais (33). Rio de Janeiro, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, p. 541-632, 1986.

Tabela 1. Estudo etnobotânico em comunidades indígenas Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. N= nativa; E= exótica

Família/Espécie/Nº do herbário	Nome popular	Nome guarani	Utilização/Parte da planta/Modo de preparo	N/E
Acanthaceae				
<i>Justicia</i> sp. HCB 02595	Junta-de-cobra	Máinovy	Vômito/Caule e folha/Infusão	N
Anacardiaceae				
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi HCB 02601	Aroeira-vermelha	Yvyvaja remb' i' u	Sapinho na boca de criança/Folha/Infusão	N
Annonaceae				
<i>Annona neosalicifolia</i> H. Rainer. HCB 02597	Araticum	Araxiku	"Dieta" para as mulheres que ganham bebê; Alimentação/Folha, fruto/Infusão	N
Arecaceae				
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	Coqueiro, Jerivá	Pindó	Dor de dente/Raiz/Infusão - Utiliza-se como cobertura das casas tradicionais	N
Aristolochiaceae				
<i>Aristolochia</i> cf. <i>brasiliensis</i> Mart. & Zucc. HCB 02581, 02599	Cipó-milom	Yxypó-milombre	Problemas do coração, pressão alta; "É bom pra tudo"/Folha e caule/Infusão	N
Asteraceae				
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	Macela	Ypotyju	Doença intestinal/Flor e folha/Infusão	N
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. HCB 02584, 02591	Carqueja	Taxopuã	"Dar banho" em criança; Vermifugo/Caule e folha/Infusão	N
Bignoniaceae				
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	Jacarandá, Caroba	Caroba	Artesanato/Fruto	N
Boraginaceae				

<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S. Mill. HCB 02586	Guajuvira	Guajayvi	Cabo de ferramentas/Caule	N
Bromeliaceae				
<i>Tillandsia usneoides</i> L. HCB 02593	Barba-de-pau		Evitar gravidez	N
Cannabaceae				
<i>Celtis ehrenbergiana</i> (Klotzsch) Liebm. HCB 02568	Esporão-de-galo	Juapekã	Dor de dente/Folha/Infusão	N
Cactaceae				
<i>Lepismium cruciforme</i> (Vell.) Miq.		Pegue' puã	"Para as juntas machucadas"/Amassar e aplicar no local	N
Convolvulaceae				
<i>Ipomoea batatas</i> L. (Lam.)	Jety	Batata-doce	Alimentação/Raiz	N
Curcubitaceae				
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsun & Nakai	Melancia	Jandiaú	Alimentação/Fruto	E
<i>Curcubita</i> sp.	Abóbora	Andai	Alimentação/Fruto	N
Euphorbiaceae				
<i>Gymnanthes concolor</i> Spreng. HCB 02571, 02589	Laranjeira-do-mato	Yvyrau	Ferimentos e "Machucado"/Folha/Torrar, moer e aplicar no local	N
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Mandió	Alimentação/Raiz	N
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Leitero, Curupi	Curupi	Artesanato/Madeira	N
Fabaceae				
<i>Albizia edwallii</i> (Hoehne) Barneby & Grimes	Alecrim	Yvyrata' i	Ferramentas e artesanato/Madeira	N
<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	Mandu' wi/Manduvi	Alimentação/Semente	N
<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Corticeira-do-banhado		Artesanato/Madeira	N
<i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão HCB 02574	Cabreúva	Yvyra' pagé	Pressão alta/Folha e caule/Infusão	N
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	Kumandá	Alimentação/Semente	N
Lamiaceae				
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Mold.	Tarumã	Tarumã	Hemorróida/Caule/Infusão	N
Lauraceae				
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro		Alimentação/Fruto	E
Malvaceae				
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita-cavalo	Yxongy	Gripe e dor de garganta/Caule/Infusão	N
<i>Sida</i> sp. HCB 02579	Guanchuma	Typyxa	Dor de barriga e hemorróida/Raiz/Infusão	N

Meliaceae

<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Canjerana	Kanxarana	Artesanato/Fruto	N
<i>Melia azedarach</i> L.	Cinamomo	Praixo	Pressão alta/Caule/Infusão	E
<i>Trichilia clausenii</i> C.DC. HCB 02590	Catiguá	Kaxigua	Artesanato, extrai-se corante/Caule/Decocção	N

Myrtaceae

<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O.Berg. HCB 02592	Sete-capotes, Veludinho	Araxá	"Lavar" criança/Folha/Infusão	N
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O.Berg	Guabiroba	Guavirá	"Lavar" criança; Alimentação/Folha/Infusão	N
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto		Cabo p/ ferramentas; Combustível (fogo)	E
<i>Eugenia uniflora</i> L. HCB 02570	Pitanga	Pitanga	Doença intestinal; Alimentação/Folha e caule/Infusão	N
<i>Myrcianthes pungens</i> (O. Berg.)	Guabijú	Yvaviju	Evitar gravidez; Alimentação/Caule/Infusão	N
Phytolaceae	Umbú	Umbú	Repelente de insetos/Folha/Infusão	

Phytolacca dioica L.

Umbú Repelente de insetos/Folha/Infusão N

Pinaceae*Pinus* sp. Pinus Combustível (fogo)/Caule E**Poaceae**

<i>Bambusa</i> sp.	Taquara	Taquara	Artesanato/Colmo	E
<i>Chusquea</i> sp. HCB 02576, 02594	Taquarinha-criciúma	Taquarembó, Criciúma	Evitar gravidez; limpar o organismo da mulher depois do parto; Artesanato/Folha e colmo	N
<i>Coix lacryma-jobi</i> L. HCB 02575	Lágrina-de-Nossa-Senhora	Kapi' i ' a	Artesanato/Semente	E
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Takuaree avaxi	Alimentação/Colmo	E
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Avaxi	Alimentação; Místico-religiosa/Semente	N

Polypodiaceae

<i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de la Sota	Erva-de-passarinho		"Limpar o organismo da mulher depois do parto"/Toda planta/Infusão	N
<i>Micrograma</i> sp. 2	Erva-de-passarinho		"Evitar gravidez"/Rizoma/Mastigar	N

Primulaceae*Myrsine* sp. HCB 02573 Capororóca Yvyra' timbó Utilizado na pesca/Caule/Decocção N**Pteridaceae***Adiantum* sp. HCB 02585, 02600 Avenca Amambai' y "Limpar o corpo da mulher depois do parto"; "É bom pra tudo"/Parte N

				vegetativa/Infusão	
Rhamnaceae					
<i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	Uva-do-apão			Alimentação/Fruto	E
<i>Scutia buxifolia</i> Reiss HCB 02577	Curunilha	Juu		"Dor de dente"/Folha e caule/Infusão	N
Rosaceae					
<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.) HCB 02587	Pessegueiro-so-mato	Yvaro		"Perna dormente"; "resfriado"; "dor de dente"; "Banho"/Folha/Infusão	N
Rutaceae					
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck.	Laranjeira			Alimentação/Fruto	E
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Bergamota	Mandarina		"Vômito e problemas no fígado"; Alimentação/Folha/Infusão	E
<i>Heliopsis scabra</i> Benth. HCB 02598	Canela-de-veado	Guaxupy		"Fortalecer os ossos das crianças"/Folha/Infusão	N
<i>Zanthoxylum fagara</i> (L.) Sarg.	Mamica-de-cadela			Artesanato/Madeira	N
Santalaceae					
<i>Phoradendron affine</i> (DC.) Engler & K. Krause	Erva-de-passarinho			Utilizada como medicinal	N
Salicaceae					
<i>Casearia sylvestris</i> Swartz HCB 02596	Chá-de-bugre, Carvalinho	Yvyra' i		"Dor no corpo"/Caule/Infusão	N
Sapindaceae					
<i>Allophylus edulis</i> (A. St.-Hil., Cambess. & A. Juss.) HCB 02578	Chal-chal, Vacunzeiro	Guãku		"Problema no estômago"; "febre"/Folha e caule/Infusão	N
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Camboatá-vermelho	Kamboatá		Artesanato/Sementes	N
Solanaceae					
<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	Fumo-brabo	Kavaxigui' u		Dor de dente/Folha e raiz/Infusão	N
Sapotaceae					
<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler) Engl. HCB 02569	Aguai-da-serra	Aguai		Artesanato/Semente; O fruto é comestível	N
Urticaceae					
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Urtigão	Pyno		Infecção urinária/Folha e raiz/Infusão	N
<i>Urtiga dioica</i> L.	Urtiga	Taramiarã		Infecção urinária/Toda planta/Infusão	N



Figura 1 - Mapa das áreas indígenas Mbya/Guarani estudadas na região central do Rio Grande do Sul/Brasil

